



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 06/11/2020 a 12/11/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
06/11/2020	10,98	382,40	35,34	6,02	4,06
09/11/2020	11,05	384,10	35,48	5,97	4,07
10/11/2020	11,38	394,80	36,06	6,08	4,23
11/11/2020	11,43	392,70	37,13	5,98	4,17
12/11/2020	11,37	388,10	37,05	5,88	4,08
Média	11,24	388,42	36,21	5,99	4,12

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	163,00	
RS – Não Me Toque	163,00	
RS – Londrina	147,00	
PR – Cascavel	147,00	
MT – C.N.Parecis	163,00	
MS – Maracaju	172,00	CIF
GO - Rio Verde	156,00	
BA – L.E.Magalhães	160,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	85,00	CIF
Porto de Paranaguá	74,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	81,00	
SC – Rio do Sul	78,00	
PR – Cascavel	69,00	
PR – Londrina	68,50	
MT – C.N.Parecis	68,00	
MS – Maracaju	74,00	
SP – Itapetininga	80,00	
SP – Campinas	83,00	CIF
GO – Rio Verde	70,00	
GO – Jataí	70,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	79,00	
RS – Não Me Toque	81,00	
PR – Londrina	76,00	
PR – Cascavel	77,00	

Período: 11/11/2020

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da
Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 12/11/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	78,57	161,83	83,50

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
12/11/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	102,80
Feijão (saco 60 Kg)	237,27
Sorgo (saco 60 Kg)	54,17
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,51
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,08**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,18

(*) compreende preços para pagamento em
10 e 20 dias

(**) Ref. Outubro/20 - média cf. Cepea/Esalq
ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da
EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago se consolidaram acima dos US\$ 11,00/bushel nesta semana, com o primeiro mês cotado fechando o dia 12/11 em US\$ 11,37, contra US\$ 11,01/bushel uma semana antes. Além de problemas climáticos na América do Sul, que vêm atrapalhando o plantio da oleaginosa na região, e da forte demanda chinesa, o mercado reagiu à redução da safra atual dos EUA e, igualmente, dos estoques finais daquele país, anunciadas no relatório de oferta e demanda no dia 10/11.

O relatório, de uma certa maneira, pegou o mercado de surpresa pois não se esperava uma revisão para baixo desta envergadura na safra de soja estadunidense. Assim, os principais números anunciados pelo relatório, para 2020/21, foram:

- 1) Safra dos EUA em recuo, ficando agora em 113,5 milhões de toneladas, contra 116,2 em outubro e 96,7 milhões no ano anterior;
- 2) Estoques finais nos EUA ficando agora em 5,2 milhões de toneladas, contra 7,9 milhões em outubro e 14,2 milhões no ano anterior;
- 3) Preço médio aos produtores estadunidenses saltando para US\$ 10,40/bushel no corrente ano comercial, contra US\$ 9,80 em outubro e US\$ 8,57/bushel no ano anterior;
- 4) Produção mundial de soja em 362,6 milhões de toneladas, com um recuo de quase 6 milhões de toneladas em relação a outubro;
- 5) Estoques finais mundiais em 86,5 milhões de toneladas, com recuo de 2,2 milhões sobre outubro, lembrando que no ano anterior tais estoques haviam sido de 95,3 milhões de toneladas;
- 6) Importações da China mantidas em 100 milhões de toneladas, enquanto a produção do Brasil se manteve em 133 milhões de toneladas e a da Argentina foi reduzida para 51 milhões de toneladas (2,5 milhões a menos do que o projetado em outubro).

Estes números, associados aos do milho (que veremos logo adiante), colocam os produtores dos EUA diante de uma decisão complexa para a futura safra 2021/22. Com os estoques finais estadunidenses anunciados sendo o segundo menor da história daquele país, e os do milho (43,2 milhões de toneladas) apresentando a menor relação “estoque x consumo” em oito anos, a tendência é de as cotações, para as duas commodities, se manterem firmes em 2021. O quadro é bastante semelhante ao que ocorreu em 2012, quando a safra local foi atingida por uma seca importante.

Soma-se a isso as incertezas climáticas na América do Sul, as quais podem reduzir a safra regional deste ano, como já se começa a perceber nas projeções para a Argentina, embora nós as julguemos muito pessimistas no momento.

As primeiras projeções de safra futura nos EUA surgem no final de fevereiro, com o conhecido Fórum Outlook do governo estadunidense e, principalmente, com a intenção de plantio dos produtores locais a ser anunciada pelo USDA no final de março.

Neste contexto, se os produtores estadunidenses optarem por aumentar a área com milho, em detrimento da soja, as cotações da oleaginosa subirão em Chicago. Muito disso irá depender do volume que a China irá importar de milho estadunidense a partir de agora. Se esse volume for elevado, a tendência será estimular o plantio do cereal, fato que elevaria o preço futuro da soja. O aumento nas importações chinesas de milho igualmente está inserido na recuperação da suinocultura do país asiático, após a peste suína africana que por lá ocorreu em 2018. Com isso, a tonelada de milho na China, em outubro, atingiu o seu mais alto preço desde 2015 ao bater em US\$ 362,00.

Dito isso, as dificuldades climáticas na Argentina, comprometendo o início do plantio de milho e soja, já colocaram em alerta o mercado dos derivados de soja, elevando o óleo de soja em Chicago para 37,13 centavos de dólar por libra-peso, algo que não se via há muitos anos. Em relação a média de abril de 2020 a libra-peso de óleo subiu 41,7%. Já o farelo se aproximou dos US\$ 400,00/tonelada curta, batendo em US\$ 394,80 nesta semana, algo igualmente só visto há muitos anos. Em relação a média de maio passado o ganho é de 38,6%. Esta situação ajuda a manter os preços do grão em níveis elevados e vice-versa.

Por outro lado, os EUA já comprometeram 48,5 milhões de toneladas de soja até o início de novembro, de um total esperado para 2020/21 em 59,9 milhões. O efetivamente embarcado neste ano comercial chega a 16,6 milhões de toneladas de soja, contra pouco mais de 9 milhões em igual momento do ano anterior.

Por sua vez, a China informa que aumentou em 41% suas importações de soja em outubro, em relação ao mesmo mês de 2019. Foram 8,7 milhões de toneladas importadas no mês passado. Mesmo assim, foi um volume menor do que o registrado em setembro, o qual atingiu a 9,8 milhões de toneladas. De outubro em diante as compras de soja dos EUA aumentaram na medida em que o Brasil e a Argentina praticamente não possuem mais o produto para exportar. Os chineses reconhecem que estão comprando soja brasileira muito barata, graças a forte desvalorização do Real.

Diante do excesso exportado pelo Brasil, as moageiras locais estão importando um nível recorde de soja neste ano, sendo o maior volume dos últimos 17 anos considerando o período janeiro a outubro.

Dito isso, os preços da soja no Brasil, em termos médios, voltaram a subir na maioria das regiões, porém, em um ritmo menor do que o das semanas anteriores. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 161,83/saco, enquanto nas demais praças nacionais o produto ficou assim cotado: R\$ 147,00 no Paraná; R\$ 163,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 172,00 no CIF Maracaju (MS); R\$ 156,00 em Rio Verde (GO) e R\$ 160,00/saco em Luís Eduardo Magalhães (BA).

A eleição de Joe Biden para presidente dos EUA, no dia 03/11, efetivamente enfraqueceu o dólar, revalorizando o Real, o qual passou a trabalhar na faixa de R\$ 5,30 a R\$ 5,40 por dólar após aquela data, segurando um pouco a formação dos

preços internos da soja. O que compensou este movimento foram as novas altas em Chicago, assim como a manutenção de prêmios elevados nos portos brasileiros.

Neste contexto, as projeções para a futura safra brasileira de soja não param de aumentar, mesmo diante da seca que se abate sobre o sul do país. Segundo a Abiove, a mesma poderá chegar a 132,6 milhões de toneladas, com exportações em 2021 batendo em 83,5 milhões. Mas outros analistas adiantam a possibilidade de uma safra em 134,4 milhões de toneladas (cf. Datagro). Neste sentido, também crescem as expectativas pela continuidade na demanda nacional de farelo e óleo de soja, fato que leva a se esperar um esmagamento de 45,8 milhões de toneladas no próximo ano. Assim, a produção total de farelo chegaria a 34,9 milhões de toneladas e a de óleo em 9,2 milhões.

Todavia, não se pode negligenciar os efeitos negativos do clima, que atingem parte do Brasil, a Argentina e parte do Paraguai. Neste sentido, surgem projeções de que a safra sul-americana possa perder entre 5 e 10 milhões de toneladas em relação ao total esperado em condições normais de clima.

Na Argentina, a expectativa inicial é de uma safra entre 50 e 55 milhões de toneladas, porém, se a chuva não chegar logo, não se descarta uma produção ao redor de 45 milhões de toneladas. No Paraguai, onde as expectativas chegavam a 12 milhões de toneladas, a projeção agora ficaria abaixo de 11 milhões. No Paraguai o plantio já atingia a 95% da área nesta semana.

Aqui no Brasil, diante destes preços, a comercialização antecipada da futura safra continua crescendo. Até este momento a mesma atingia a 55% do total esperado, contra a média histórica de 30% nesta época (cf. Safras & Mercado). Já em relação a safra passada, as vendas atingiram a 98,7%, contra 93,7% na média para o período.

Quanto ao plantio da nova safra no Brasil, a área semeada atingia a 56% até o dia 06/11, contra a média histórica de 62% para esta época do ano (cf. AgRural). Enquanto o Sul do país enfrenta dificuldades para a semeadura, o retorno das chuvas no Centro-Oeste melhoraram o ritmo do mesmo, chegando a um total de 83% da área no Mato Grosso, por exemplo, Estado que estava bastante atrasado um mês atrás.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago subiram na semana, chegando a atingir a US\$ 4,23/bushel no dia 10/11. Posteriormente recuaram, fechando a semana com o primeiro mês cotado, na quinta-feira (12), atingindo a US\$ 4,08/bushel, contra US\$ 4,09 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 10/11, reduziu igualmente a safra e os estoques estadunidenses de milho, assim como os números mundiais. As principais informações foram as seguintes, para o ano 2020/21:

- 1) A safra dos EUA fica agora estimada em 368,5 milhões de toneladas, com um recuo de 5,5 milhões em relação a outubro;
- 2) Os estoques finais estadunidenses de milho recuam para 43,2 milhões de toneladas, perdendo 11,8 milhões de toneladas em relação a outubro;
- 3) A cotação média para o produtor estadunidense passou a US\$ 4,00/bushel, contra US\$ 3,60 em outubro e US\$ 3,56 no ano anterior;
- 4) A produção mundial de milho veio para 1,144 bilhão de toneladas, ou seja, 14 milhões a menos do que o projetado em outubro;
- 5) A produção estimada do Brasil ficou em 110 milhões enquanto a da Argentina em 50 milhões, sendo que o Brasil deverá exportar 39 milhões de toneladas;
- 6) Os estoques finais mundiais recuariam para 291,4 milhões de toneladas, perdendo 9 milhões de toneladas em relação a outubro.

Dito isso, os EUA já teriam comprometido com exportações cerca de 33,2 milhões de toneladas de milho, contra um total esperado no ano de 59,1 milhões.

Já a colheita do cereal nos EUA, até o dia 08/11, atingia a 91% da área total, contra 80% na média histórica.

Aqui no Brasil, os preços do milho continuaram subindo. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 78,57/saco, ganhando cerca de cinco reais por saco em uma semana. Nas demais praças nacionais os preços médios assim ficaram: R\$ 78,00 na região central de Santa Catarina; entre R\$ 68,50 e R\$ 69,00 no Paraná; R\$ 68,00 em Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 74,00/saco em Maracaju (MS); R\$ 80,00 em Itapetininga (SP); R\$ 83,00 no CIF Campinas (SP); e R\$ 70,00/saco em Jataí e Rio Verde (GO).

A tendência parece ser de os preços estarem chegando ao seu limite de alta após baterem nos R\$ 80,00/saco em muitas praças. É o sentimento do mercado em relação as cotações na B3 que, no final desta semana, cederam um pouco, com o contrato novembro/20 fechando em R\$ 80,83; janeiro em R\$ 81,47; março em R\$ 80,90; e maio em R\$ 73,51/saco. Isto se deve às dificuldades das indústrias em pagar mais do que estes valores.

Enquanto isso, a Conab reduziu em 2% a área a ser cultivada com o milho de verão no Centro-Sul brasileiro, sendo que até meados da corrente semana 68% da área havia sido semeada (cf. AgRural), com o plantio devendo ir até janeiro/21 diante das dificuldades climáticas na parte Sul do país.

No total das safras nacionais de milho, a Conab projeta uma área de 18,4 milhões de hectares, o que geraria uma produção ao redor de 105 milhões de toneladas. Ou seja, um volume bem menor do que o esperado pela iniciativa privada, que chega a avançar volumes entre 110 e 116 milhões de toneladas.

O consumo interno seria de 71,8 milhões de toneladas, graças as fortes exportações de carnes por parte do Brasil.

O órgão oficial calcula estoques finais, em 2019/20, em torno de 10,5 milhões de toneladas, e para 2020/21 de 9,5 milhões, volume que seria suficiente para um mês e quinze dias de demanda.

Por enquanto, a iniciativa privada calcula uma produção de 27,8 milhões de toneladas para a safra de verão no Centro-Sul brasileiro, ficando 6% acima do colhido na safra anterior, porém, abaixo da última projeção para este ano, que era de 28,4 milhões de toneladas. Já para a segunda safra, o volume a ser colhido chegaria a 86,7 milhões de toneladas, ficando 8% acima do registrado no ano anterior. Com isso, a produção potencial total poderia atingir a 114,5 milhões de toneladas.

Quanto as exportações, segundo a Secex, nos primeiros quatro dias úteis de novembro o Brasil exportou 1,16 milhão de toneladas de milho, com uma média diária 12,4% acima da média do mês anterior. Já em comparação à média diária do mesmo mês do ano passado, o volume é 41% superior. O preço médio obtido foi de US\$ 174,80/tonelada.

Enfim, no Mato Grosso a safra 2019/20 estava 97% vendida no início da presente semana, sendo que a safra 2020/21 chegava a 59,5% vendida antecipadamente e a de 2021/22 atingia 3,7% já comercializada. Os altos preços atuais, e a perspectiva de que isso pode não continuar, levaram os produtores locais a acelerarem as vendas futuras. (cf. Imea)

No Paraná, o plantio da safra de verão chegava a 95% da área esperada, sendo que 74% das lavouras se encontravam em boas condições. (cf. Deral)

E no Mato Grosso do Sul, 70% da safrinha recentemente colhida já foi comercializada. Entre janeiro e outubro o Estado exportou 1,2 milhão de toneladas de milho, acusando um recuo de 43,4% em relação ao exportado no ano anterior neste período.

Cada vez mais o mercado considera difícil o país conseguir exportar entre 34 a 35 milhões de toneladas neste ano comercial, levando a crer que sobrá mais milho em janeiro do que o esperado, fato que tende a derrubar os preços na virada do ano.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago acabaram recuando bastante nesta semana, com o fechamento do dia 12/11, para o primeiro mês cotado, ficando em US\$ 5,88/bushel, contra US\$ 6,09 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA não trouxe grandes novidades para o mercado deste cereal. Assim, para o ano 2020/21 o mesmo apresentou os seguintes números:

- 1) A produção dos EUA foi mantida em 49,7 milhões de toneladas e os estoques finais praticamente não se alteraram ficando em 23,9 milhões de toneladas;
- 2) O preço médio aos produtores estadunidenses, para o ano, fica em US\$ 4,70/bushel, sem alteração em relação a outubro e um pouco acima dos US\$ 4,58 do ano anterior;
- 3) A produção da Argentina foi reduzida para 18 milhões de toneladas, enquanto a brasileira ficou estimada em 6,6 milhões de toneladas;
- 4) A produção mundial de trigo ficou em 772,4 milhões de toneladas, quase sem recuo em relação a outubro, enquanto os estoques finais mundiais ficam em 320,4 milhões, com um recuo de um milhão em relação a outubro.

Dito isso, o plantio do trigo de inverno nos EUA atingiu 93% da área esperada, contra 91% na média histórica. As condições das lavouras semeadas atingiam a 17% entre ruins a muito ruins, 38% regulares e 45% entre boas a excelentes.

Por sua vez, em Congresso da cadeia mundial do trigo, realizado neste início de novembro, o sentimento é de que o ano foi fora da curva, onde os preços subiram ao mesmo tempo em que a produção também subiu. Como nas demais commodities, a pandemia do Covid-19 vem sendo indicada como uma das responsáveis principal deste fato. Ao mesmo tempo, no Brasil, a forte desvalorização do Real tornou a importação muito cara, ajudando a elevar o preço interno aos produtores e levando a um aumento dos preços dos derivados aos consumidores, aumento este que ainda não foi repassado suficientemente aos mesmos. Outra conclusão foi de que a Rússia se tornou formadora de preço no mercado mundial do trigo.

Ao mesmo tempo, informou-se que a produção da Argentina irá ser menor do que o esperado, devendo ficar mesmo em 16,7 milhões de toneladas, contra 22 milhões inicialmente indicados, sendo que até o dia 05/11 a colheita atingia a 6,1% da área. No Canadá, com a colheita encerrada, a produção apresentou um rendimento 45% maior do que a média dos últimos 10 anos. São 3.550 quilos/hectare, enquanto as exportações canadenses devem ficar em 25 milhões de toneladas.

Por sua vez, as exportações de trigo dos EUA para a América do Sul, entre janeiro e outubro do corrente ano, atingiram a 2,25 milhões de toneladas, com o Brasil participando com 32% deste total. As exportações de trigo dos EUA para o Brasil aumentaram 91% em relação ao ano passado, chegando a 721.000 toneladas. Para 2021 os EUA esperam aumentar em 84% as vendas de trigo para o Brasil.

Já o Paraguai espera um plantio de 400.000 hectares de trigo, com produção estimada em 1,18 milhão de toneladas para 2021, com o Brasil comprando 222.000 toneladas. Entre 2005 e 2020 a área cultivada de trigo no Paraguai cresceu 26%, embora nos últimos cinco anos a mesma tenha recuado em 12%. O vizinho país espera exportar 580.000 toneladas de trigo em 2021. Enquanto isso, na Rússia, para o próximo ano, são esperadas 83 milhões de toneladas colhidas e 39 milhões exportadas, o que torna o país o maior exportador mundial de trigo na atualidade.

Na União Europeia houve recuo de 10 milhões de toneladas nas exportações do bloco em 2020, sendo que a área semeada também diminuiu. Os europeus comemoram exportações de 1,5 milhão de toneladas para a China. Enfim, o Uruguai espera colher 776.000 toneladas de trigo neste ano, sendo que para 2021 pode haver um recuo de 2% neste volume, pois a área semeada deve cair em 8%, ficando em 217.000 hectares. O Brasil foi o destino de 82% do volume exportado em trigo pelo Uruguai, alcançando 240.000 toneladas. Para esta safra 2020/21 a expectativa é de preços médios ao redor de US\$ 203,00/tonelada, representando 19% acima do registrado no ano anterior.

Caso a Argentina confirme a produção de 16,7 milhões de toneladas, a mesma será a menor dos últimos cinco anos segundo a Bolsa de Cereais de Rosário. A seca foi muito forte no vizinho país, causando uma quebra considerável em relação ao esperado como já frisamos neste comentário.

No Brasil, os preços se mantiveram firmes, com a média gaúcha no balcão fechando a semana em R\$ 83,50/saco, enquanto no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 76,00 e R\$ 77,00/saco.

Enfim, com a colheita praticamente encerrada no Paraná, o Rio Grande do Sul registra quase 90% da área colhida neste momento, com o registro de uma quebra média ao redor de 30%, havendo regiões, como a de Santa Rosa, com quebras ao redor de 50% em relação ao esperado, embora a qualidade dos grãos colhidos venha sendo boa.